

os subterrâneos da liberdade
volume 2. agonia da noite

JORGE AMADO



Posfácio de Daniel Aarão Reis
no terceiro volume

Copyright © 2011 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.
1ª edição, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1954

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Pesquisa iconográfica do encarte Bete Capinan e Luciana Bueno Marta Arbex

Imagens de capa © Exemplares do jornal *A classe operária* e demais materiais considerados subversivos apreendidos pelo DEOPS. Acervo DEOPS/ Arquivo Público do Estado de São Paulo, 1937 (capa); © Luiza Chiodi/ Companhia Fabril Mascarenhas (chita); © Acervo Fundação Casa de Jorge Amado (orelha).
Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Assistência editorial Cristina Yamazaki

Preparação Cacilda Guerra

Revisão Valquiria Della Pozza e Carmen S. da Costa

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.
Agonia da noite / Jorge Amado. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1963-9

1. Ficção brasileira I. Título.

11-08867

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:
I. Ficção: Literatura brasileira 869.93

Diagramação Spress
Papel Pólen Soft
Impressão RR Donnelley

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707 3500
Fax (11) 3707 3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

1

IA O NEGRO DOROTEU, COM SUA NEGRA INÁCIA, PELA BEIRA DO CAIS. Era o cais de Santos, os armazéns das docas a se perderem de vista, repletos de sacos de café, de cachos de bananas, de fardos de algodão. Trilhos, automóveis, geladeiras, rádios, máquinas estranhas, conservas e frutas desciam nos guindastes, trazidos do bojo profundo dos porões escuros dos negros cargueiros ancorados no porto. Um cheiro doce de maçãs maduras se misturava ao salgado odor do mar, na lânguida noite tropical, envolvente e morna, cortado por um vento fino chegado de distantes paragens. Também a melodia melancólica de uma canção marítima se mesclava ao barulho ensurdecedor dos guindastes, dos gritos de marinheiros e estivadores, dos apitos saudosos dos navios abandonando a orla do cais em busca do mar-oceano mais além do porto. De quando em vez, uma nota mais alta da canção se sobrepunha a todo o ruído e vibrava no ar, fazendo mais ligeira a carga nos ombros dos doqueiros. Era uma canção em língua estranha, impossível entender o que ela dizia, mesmo se pudessem distintamente ouvir todas as suas palavras, mas cada um sabia — os doqueiros, os marinheiros de diversas raças, os ensacadores, mesmo os empregados da alfândega — tratar-se de uma canção de amor, feita de distância e de aflito anelo. Mais que todos o adivinhava o negro Doroteu, andando ao lado de sua negra Inácia. Para ele, as canções não tinham segredos, ele podia penetrar-lhes o sentido mais misterioso mesmo quando não entendia a língua do marinheiro improvisado em cantor, desabafando para as luzes da cidade de Santos a sua saudade da mulher um dia encontrada e logo perdida em Xangai ou Constança, em Nova York ou Guaiaquil, em Amsterdã ou Istambul. Dele era o sábio conhecimento das canções do mar, das bandeiras dos navios e da variada cor das águas no correr do dia. Desses mistérios falava o negro Doroteu à sua negra Inácia quando juntos, nas noites sem trabalho, atravessavam o cais imenso, trocando juras de amor, contando e ouvindo histórias, assoviando canções, rindo para todos, pois rir era o maior prazer tanto do negro Doroteu quanto da sua negra Inácia.

Pepe, o sombrio espanhol de cara retalhada a navalha, de mordente humor, costumava dizer, curvado sobre o copo de cachaça num botiquim do cais, ser o negro Doroteu com sua negra Inácia a melhor prova e o mais concludente da atração dos polos opostos (e explicava para os negros e mulatos embasbacados em que consistia a atração dos polos opostos). A negra Inácia, moça de vinte anos, era o ideal modelo daquelas bonecas baianas compradas por todos os turistas, de corpo perfeito, erguidos seios pontudos, duras coxas grossas, modeladas pernas e perfil de doçura, os olhos de dengue e de malícia, desejados lábios, dentes brancos e iguais, perfumados cabelos de canela e cravo. Quando ela passava, negra flor do cais, apetitoso fruto ainda não maduro, os doqueiros, os brancos marinheiros nórdicos, os árabes de concupiscente olhar, os pequenos gregos de cor azeitonada se perguntavam como o negro Doroteu a conquistara, de que sortilégios usara, a que pai de santo se dirigira para o feitiço com que prender nas malhas do amor, ah! de um amor de todos os momentos, tal companhia. Porque o negro Doroteu, magricelo e baixo, de cara chupada e de grossos lábios, não parecia feito para apaixonar ninguém. Bastava ver as suas mãos enormes, disformes para seu pequeno corpo, donas de absurda força. Mesmo certos doqueiros conhecidos como atletas não lhe davam jamais a apertar se não o pulso ou o punho fechado, a mão de Doroteu era um perigo, os dedos tinham a força de tenazes. Mas aquelas mãos disformes tomavam de uma pequena gaita de boca e dela arrancavam as mais puras melodias, essas capazes de acalmar os homens, de fazê-los sonhadores e românticos, mas também outras (quando a roda em torno era de gente conhecida e de confiança), aquelas que levantavam os homens, que os armam e os incitam para a luta. Não que tivesse jamais estudado música, ao negro Doroteu nunca sobrava tempo para estudar, e o muito que ele sabe foi aprendido na beira do cais de Santos, com o mar, com os navios, com as cargas e descargas, com os marinheiros, os estivadores, com a noite e com o vento, nas docas, no sindicato e na célula do Partido. Dele se engraçara a negra Inácia, flor do porto.

Ele passava na fímbria do cais, entre as cargas e os guindastes, ia com ele sua negra Inácia, riam os dois, um para o outro, ora num ruído doce de água brotando de uma fonte, ora num fino e persistente romper-se de cristais sonoros, ora numa ampla gargalhada como as altas notas de uma clara orquestra. E se perguntavam todos a explicação daquele amor em festa enchendo de risos, canções e poesia o cais do porto. “Atração

dos polos opostos”, como queria o sombrio espanhol de complicados conhecimentos; “coisas da vida”, como dizia a negra Antônia ante o seu tabuleiro de doces, filosofando em frente ao quarto armazém, ou era como afirmava o velho Gregório, o mais antigo dos doqueiros, devido apenas ao próprio negro Doroteu: “Negro bom como esse, devotado e corajoso, não há dois nem nesse cais nem pelo mundo afora”. Cada explicação tinha os seus adeptos e, em certas ocasiões, mesmo acaloradas disputas eram travadas entre eles. Persistia o mistério, era um daqueles mistérios de todo cais, de cada porto, jamais perfeitamente esclarecido.

Tampouco o sabia o negro Doroteu. Fazia seis meses já que a levava diante do juiz, acompanhado pela malta inteira dos doqueiros, por marinheiros vindos dos navios, e que a notícia do seu casamento enchera o mar de comentários. Numa festa de rua a conhecera, para ela comprara numa quermesse um pequeno espelho e um pente vermelho, para ela tocara sua gaita mágica, cantara canções em cinco línguas, traçara passos ágeis de capoeira, a navalha perigosa na mão, os chinelos arrancando chispas do chão. Juntos haviam passeado no cais, corrido pelas brancas praias ante o oceano solto, do outro lado da cidade, ido ao cinema assistir a filmes de caubóis. E, quando um dia ele propôs “juntarem seus trapinhos com a autorização do doutor juiz de casamento”, ela concordou risonha. Era arrumadeira num grande hotel da praia, onde se hospedavam os ricos nacionais e o gringos turistas vindos para os banhos de mar e para a roleta e o bacará, para eles mais tentadores ainda que o oceano azul e a branca areia. Muitos hóspedes lhe haviam lançado olhares cobiçosos, mas ela estendia num desprezo o pequeno lábio carminado, jamais outro amor, outro desejo, outro carinho habitou seu virgem coração que o despertado pelo seu negro Doroteu com seu rosto magro, suas grandes mãos ossudas e seu ardente coração de homem, cheio de poesias, de vida e de esperança. Só não quis foi deixar o emprego, e quando ele lhe pediu para fazê-lo, para ficar em casa iluminando-a, respondeu-lhe com palavras dele ouvidas nos passeios de noivado:

— Que comunista é esse que quer a mulher como um enfeite?

Depois encostou-se no seu peito, seu odor de canela e cravo sob as narinas do negro Doroteu, disse numa risada de malícia:

— Gosto de trabalhar e fico trabalhando até que minha barriga cresça e eu não possa mais...

De festa foram os dias que se seguiram à festa do casamento, ela ria e cantava, ele lhe ensinava os segredos que sabia. Ele possuía a ciência

das bandeiras, sabia distinguir umas das outras, mesmo as do Império Britânico — Inglaterra, Canadá, Austrália, África do Sul — tão semelhantes em suas cores e desenhos.

Certa vez fundeara ao largo, ante as praias magníficas, um barco de amada e jamais entrevista bandeira. As autoridades não lhe tendo permitido sequer o acesso ao porto, eles vieram todos para a praia saudar a bandeira vermelha da foice e do martelo, aquela que conduz consigo a estrela do amanhã. À frente de todos veio o negro Doroteu com sua negra Inácia e, quando a noite chegou, eles acenderam pequenas lanternas marítimas e com elas acenavam, em signos de amor e solidariedade, para a bandeira e o navio, para o comandante e os marinheiros, para o distante mundo do outro lado da Terra, de onde vinha, cortando os mares, aquele proibido barco soviético. Foi como uma festa de luzes brilhando sobre as areias, e naquela noite os ricos nacionais e os gringos turistas não tiveram sequer coragem de aparecer na praia. Mesmo junto às protegidas mesas de roleta e bazar suas mãos tremiam, amedrontadas, ao lançar as fichas nas apostas, medo do barco e das lanternas, medo da vermelha bandeira soviética. O negro Doroteu levantava e baixava sua lanterna, do barco outras lanternas acenavam respondendo à saudação. O negro Doroteu tomou da sua gaita, sua negra Inácia arrancou os sapatos e dançou sobre as areias, ai, do barco não podiam ouvir nem ver, mas para ele tocava o negro Doroteu, dançava a sua negra Inácia. E nesse dia os doqueiros enxergavam lágrimas nos olhos pequenos de Pepe, o espanhol de sombria cara navalhada. Eram, assim, de festas os dias do negro Doroteu e de sua negra Inácia.

Iam os dois, o negro Doroteu com sua negra Inácia, pela beira do cais, na noite de Santos, de café e bananas, guindastes e navios. E mais que nunca riam um para o outro, e para toda a gente que passava, mesmo para os apressados passageiros desembarcados tardiamente de um transatlântico vasto como uma cidade, porque a negra Inácia vinha de revelar ao seu negro Doroteu, escondendo a cabeça em seu peludo peito, que sua barriga ia crescer, nela começava uma vida a florescer, nascida daquele amor em festa da formosa negra Inácia e do risonho negro Doroteu.

Ora, era tão grande a alegria do negro Doroteu, ante a notícia dada pela sua negra Inácia, que ele não podia guardá-la só para si, sentia necessidade de comunicá-la a todos os seus amigos do cais, seus companheiros de trabalho nas docas, aos ensacadores, seus parceiros nas lon-

gas conversas, aos marinheiros conhecidos de passagem por Santos. E assim iam, de grupo em grupo, interrompendo a gente nas suas tarefas, o negro Doroteu rindo de contentamento, saltitante em suas pernas arqueadas, a negra Inácia sorrindo encabulada, escondendo o rosto no peito do seu negro quando ele anunciava a maravilhosa notícia: uma criança iria nascer, dentro de alguns meses, um pequeno Doroteu ou uma pequena Inácia, negra como eles, risonha como eles, como eles cresceria à beira do mar Atlântico, no cais de Santos, aprendendo histórias marítimas e revolucionárias, da boca de espanhóis e italianos, de gregos e eslavos, de franceses e suecos, de brasileiros de variada cor de pele: brancos, negros e mulatos.

Iam de grupo em grupo e até um nome já haviam escolhido para o menino, se um menino fosse e não uma negrinha: se chamaria Luís Carlos, como Prestes; naqueles anos e nos que se sucederam os estivadores de Santos não botavam outro nome em seus filhos que o do revolucionário preso e condenado. Por essas coisas, Santos era designada pelo país afora como a “Cidade Vermelha”, e os policiais olhavam com desgosto e desconfiança aquele mundo da beira do cais, aqueles homens rudes e fortes curvados sob os sacos de café, montados sobre os guindastes, desaparecidos nos porões dos navios, na carga e na descarga.

Os navios, os de passageiros e os cargueiros, sucediam-se encostados ao cais, outros estavam fundeados ao largo, no porto. Há pouco entrara um transatlântico inglês, dele haviam descido passageiros apressados, o negro Doroteu os saudara com um sorriso, acabara de ouvir da boca da sua negra Inácia a grande notícia. Outro saía agora, na popa uma bandeira francesa, e o negro Doroteu estendeu a mão abanando adeus, teve vontade de gritar para os passageiros e marujos, para o comandante com o seu binóculo, para os maquinistas e foguistas, que um filho seu ia nascer, se chamaria Luís Carlos e seria doqueiro, no cais de Santos. Ou marinheiro talvez sobre os navios, indo de porto em porto, pelo vasto mundo afora, mas levando sempre no coração a lembrança da Cidade Vermelha de Santos, do porto comunista de Santos.

O rumor da notícia alvissareira começou a preceder o negro Doroteu, que ia pelo cais com sua negra Inácia. Espalhou-se pelos armazéns e botequins, num dos quais, numa ensebada mesa, alguém propôs a marinheiros e estivadores um brinde pelo filho do negro Doroteu e de sua negra Inácia, a quem seria dado o nome de Luís Carlos, como não o podia deixar de fazer um verdadeiro trabalhador de Santos. Foi

assim que a negra Antônia deixou o seu tabuleiro de doces e comidas sob a guarda esperta de um moleque e veio, ela também, atravessando por entre os sacos, os fardos e os engradados do quarto armazém, dar um abraço no negro Doroteu e outro bem apertado em sua negra Inácia. E veio o velho Gregório, um saco vazio metido na cabeça de cabelos embranquecendo, os ombros ainda robustos curvados da idade e das sacas de café. E veio Pepe, o espanhol das navalhadas, fumava uma ponta de cigarro, prendeu o negro Doroteu entre seus braços fortes, deu os parabéns à negra Inácia. Vieram muitos e muitos, veio toda a gente do cais, parecia até que vinham para um daqueles comícios anti-fascistas agora proibidos, tão alegres chegavam e estendiam as mãos calosas ao negro Doroteu e à sua negra Inácia.

Tantos eram já em torno aos dois, que os policiais de ronda se inquietaram. Mas, como começara a cantar a gaita melodiosa do negro Doroteu, escondida em sua mão enorme sobre a boca, eles disseram entre si tratar-se de uma improvisada festa onde era melhor não se meterem, pois os doqueiros de Santos não amam a polícia e não gostam de ver policiais envolvidos em seus jogos e folguedos. E não vale a pena brincar com esses sentimentos de amor e ódio dos estivadores do Porto Vermelho de Santos, eles têm o sangue quente e ágil a mão sobre a navalha. O negro tocava sua pequena gaita de boca, a negra Inácia dançava na beira do cais, ante os guindastes, e os marinheiros saltavam as amuradas dos seus navios para ouvi-lo e vê-la e os aplaudiam batendo com as mãos como crianças.

O apito de um cargueiro entrando no porto cortou a música do samba do negro Doroteu, o passo da dança de sua negra Inácia. O vulto negro do barco surgia lentamente, e eles todos, doqueiros, marinheiros, ensacadores, passantes e a negra Antônia que vendia doces, o fitaram e ficaram sérios de repente. O negro Doroteu largou sua gaita mágica, era um conhecedor profundo das bandeiras, sabia distingui-las todas umas das outras. Confirmou o receio dos demais quando seus olhos distinguiram antes de todos, na popa do cargueiro agora perpendicular a eles nas manobras para fundear, o odiado trapo, a bandeira imunda, o estandarte abjeto.

O velho Gregório respirou fundo:

— Ele está aí. Mas não leva o café, ah! isso não leva, que ainda há homens no cais de Santos, Deus seja bendito...

— É o barco alemão... — repetiu Doroteu, e até seu filho que ia nascer ele tinha esquecido e sua mão que segurava a gaita de boca, sua

mão enorme, se fechou ameaçadora. O espanhol Pepe fez-se mais sombrio, cuspiu com força, seus olhos se apertaram.

Há dias haviam começado a circular notícias que os estivadores de Santos se recusariam a carregar o navio que viesse em busca do café oferecido a Franco pelo Estado Novo. O café enchia os armazéns, milhares e milhares de sacas, mas o navio para transportá-lo não aparecia. Um dia se soube que um barco nazista viria pela carga. Mas não o esperavam tão rapidamente e a reunião do sindicato ainda não fora feita. O negro Doroteu, esquecido até da sua negra Inácia, exclamou para os companheiros:

- É preciso reunir o sindicato...
- E quanto antes...
- Amanhã sem falta...
- Tomar uma decisão...

Vinha gente de todos os lados, o grupo crescia, os olhos se alongavam para o mar, onde o cargueiro soltava a âncora.

- Vem pelo café para o bandido Franco.
- Isso é até um insulto para os estivadores...

O negro Doroteu guardou no bolso a sua gaita de boca, tomou o braço de sua negra Inácia, saiu andando, tinha agora o que fazer, a noite já não era disponível, a festa terminara, fazia-se necessário agir. Naquela noite, Oswald, o secretário da célula da estiva, não estava trabalhando. Voltara para sua casa após o turno do dia, certamente já dormira, cansado das longas horas de carga e descarga sob o sol como fogo. Era preciso ir acordá-lo, dizer-lhe que o barco chegara, que com ele chegara a hora de desencadear a greve. O pessoal estava disposto, era preciso reunir o sindicato...

Quem visse o negro Doroteu, nessa hora quando voltava do porto para a cidade, o rosto sério e concentrado, os olhos graves e o coração aos saltos, compreenderia talvez por que tanto o ama a sua negra Inácia, a de perfeito corpo com cheiro de cravo e de canela. Pela beira do cais, em passos apressados, ia, nessa noite da chegada do navio alemão, o negro Doroteu com sua negra Inácia. Nuvens escuras cobriam agora o céu, o vento fino do começo da noite era agora um vento de tempestade, como se a própria natureza se fechasse num protesto, solidária com os estivadores de Santos. Tão escuras eram as nuvens trazidas pelo vento áspero do sul, que dificilmente podiam os olhos do negro Doroteu descobrir a cruz suástica odiada sobre o trapo caído na popa do cargueiro.

O negro Doroteu, sem diminuir o passo quase de carreira, traz para mais perto do seu o corpo de sua negra Inácia, corpo hoje mais que belo e perfeito, corpo hoje sagrado, onde outra vida se forma e cresce, como a protegê-lo da asquerosa sombra da bandeira de morte e de terror, hasteada sobre o barco no porto. Ah! eles saberiam, os doqueiros e estivadores de Santos, responder à provocação desse trapo, à provocação desse café dado a Franco, o traidor espanhol. O negro Doroteu pensa em seu filho a nascer dentro de alguns meses, murmura para a sua negra Inácia:

— Quando o negrinho for grande, quando ele for estivador aqui no cais, todas as bandeiras já serão vermelhas, todas as bandeiras serão irmãs...

Por essas coisas o amava a negra Inácia, pelas coisas que o negro Doroteu sabia dizer, com sua voz ou com sua gaita, e também pelo que certamente ele sabia fazer, o amava por vê-lo ir quase correndo levantar o cais e o mar contra os fascistas, sem medo da polícia, sem medo da cadeia, sem medo de morrer, o negro Doroteu não conhece a cor do medo...

Pelo cais, homens iam de grupo em grupo, murmuravam-se cochichos, os olhos se estendiam para o barco negro. Ali mesmo se acertava sobre a reunião do sindicato, e, mais ativos que todos, eram os doqueiros espanhóis, a Franco se destinava o café acumulado nos armazéns. O sopro da greve se estendia sobre o mar, na montanha próxima um trovão ressoou anunciando tempestade. Quase correndo, em busca da casa de Oswaldo, saía do cais de Santos o negro Doroteu com sua negra Inácia.

2

A LUTA COM A POLÍCIA COMEÇOU ANTES MESMO DA GREVE SE INICIAR, durante a reunião do sindicato. Muitos daqueles estivadores e doqueiros não eram habituais às reuniões, certas vezes enfadonhas, do seu sindicato, quando discutiam sobre organização, sobre finanças e contas. Preferiam ficar nos botequins ou ir dormir, pois o trabalho no cais era pesado. Mas, quando se tratava de reivindicações, era certo encontrar-se atulhada a sala do sindicato, ocupadas todas as cadeiras e muita gente em pé, se acotovelando para ver e ouvir melhor.

Naquele sindicato da estiva e das docas de Santos, a polícia e os agentes do Ministério do Trabalho não tinham conseguido ainda, apesar dos esforços desesperados nesse sentido, apoderar-se da direção. Agentes ministeriais e policiais rondavam em torno, metiam-se nas reuniões, procuravam dividir os homens, mas até então nenhum suces-

so coroara suas intrigas e ameaças. Os comunistas e seus simpatizantes continuavam na direção do sindicato, e essa era outra das razões por que chamavam a Santos de “Porto Vermelho”. A Delegacia de Ordem Política e Social de São Paulo dedicava uma parte do seu fichário aos estivadores e doqueiros de Santos. Relações de biografias enchiam os arquivos, sobre muitos nomes estava escrito um adjetivo: “perigoso”. Mas poucos investigadores tinham coragem de aceitar a tarefa de vigiar a atividade política dos doqueiros, ensacadores e estivadores santistas. Mais de um apanhara ao longo do cais, mais de um tomara um banho forçado nas águas do porto. Os trabalhadores santistas possuíam um estranho senso de humor, pouco apreciado pelos policiais. Foi assim que certo investigador, convencido da necessidade de usar modernos métodos aprendidos nos romances de espionagem americana, tentou fazer-se amigo de uma roda de doqueiros, no botequim onde eles bebiam como só eles sabem beber. Apresentou-se como caixeiro-viajante, de passagem pela cidade, mas, às suas primeiras indiscretas perguntas, os demais o reconheceram e localizaram. Pinicaram os olhos uns para os outros, fizeram-se de tolos, deram corda à conversa e o policial sorria para si mesmo triunfante, o chefe Barros ia dar-lhe os parabéns quando ele regressasse carregado de preciosas informações. Nem notou o quanto bebia, nos sucessivos brindes levantados pelos doqueiros, e como lhe enchiam o copo até a borda, de cachaça! Quando acordou, estava deitado nu, na beira do cais, as roupas ao lado, sem documentos, molhado até a alma, e um cartaz (uma tampa de caixão de papelão, onde haviam escrito com lápis azul) anunciava aos risonhos curiosos: ATENÇÃO! CÃO DA POLÍCIA. MORDE.

Dois estivadores guardavam a porta do sindicato, antes da reunião, para impedir a entrada de estranhos. Um deles tinha um olho cego, o outro fumava um charuto barato, cujo aroma empestava em redor. Quando os policiais chegaram, dispostos a entrar de qualquer maneira, começou a discussão. O sindicato ocupava um primeiro andar, era estreita a porta onde desembocava a escada, os dois estivadores a ocupavam com seus corpos. O do charuto exigia dos policiais (que, a princípio, não se haviam apresentado como tais) os documentos sindicais. Eles disseram serem jornalistas, encarregados do noticiário da reunião. O do olho cego declarou que a direção do sindicato forneceria uma nota oficial aos jornais, após os debates, mas não permitia a presença na reunião senão de sindicalizados. Ante o que os policiais declararam asperamente sua quali-

dade. Eram três e tentaram forçar a passagem depois do mal-encarado da frente ter dito:

— Nós somos da polícia...

— Calma, moço, calma... — recomendou o do charuto. — Não se exalte nem se precipite. Vamos discutir...

— Não temos nada que discutir, nós vamos entrar...

— Isso depende, moço. O senhor disse que era da polícia, mas antes já tinha dito que era jornalista. Primeiro de tudo provem que são mesmo tiras... — e dizia a palavra de gíria carregando nas sílabas, como para tornar o termo mais insultante. O seu charuto aceso quase tocava o rosto do policial.

O do olho cego anunciou para o pequeno grupo de estivadores formado no passeio, à espera de poder entrar:

— Tiras...

Alguém perguntou:

— O que é que eles vêm cheirar aqui?

E foram se chegando. O policial que discutia mostrou a insígnia escondida na gola do paletó, os outros dois o imitavam.

— Atualmente não pode haver reunião sindical sem a presença da polícia e sem sua autorização...

— Fizemos a comunicação hoje pela manhã...

— Mas ainda não tiveram autorização...

Um dos dirigentes do sindicato descia as escadas para ver o que se passava. O do charuto resumiu-lhe a situação.

— Aqui tem três tiras querendo entrar a muque...

O dirigente sindical dirigiu-se aos investigadores:

— A reunião foi convocada em ordem, a comunicação para a polícia foi enviada.

— Nenhuma reunião sindical pode se realizar atualmente sem a presença da polícia...

— Vêm espionar... — disse a mesma voz que já falara antes, partida de entre os estivadores parados no passeio.

O dirigente sindical sabia ser obrigatória a presença da polícia nas reuniões sindicais, após a proclamação do Estado Novo. No entanto, era a primeira vez que ela aparecia numa reunião da estiva de Santos.

— Deixe eles entrarem... — ordenou antes que os ânimos se exaltassem. O importante era realizar a reunião, decidir numa votação a atitude a tomar ante o problema do embarque do café para Franco.

Os dois que guardavam a porta abriram passagem de má vontade, os investigadores começaram a subir as escadas lançando olhares suspeitos em derredor.

A sala estava formigando de gente. Por detrás da mesa da diretoria já se encontravam sentadas algumas pessoas, entre as quais Oswaldo, secretário da célula do Partido e membro da direção do sindicato, um homem ainda jovem, alto e magro, de músculos salientes, um queixo pontudo e um começo de calva. Também já o espanhol Pepe e o velho Gregório tinham tomado os seus lugares. O velho era presidente do sindicato e naquele posto vinha há muitos anos. O secretário era um mulato entroncado, quase sem pescoço, de nome Aristides. Esse não estava ainda na mesa, andava pela sala, fazendo os companheiros assinarem uma lista de presença. Na sala simples, de paredes caiadas, havia três retratos: os de dois estivadores mortos num movimento grevista anterior e o de Getúlio Vargas obrigatório em todos os sindicatos. Oswaldo viu os investigadores entrarem, distribuírem-se os três pela sala. Levantou-se então da sua cadeira na mesa, foi conversar com alguns homens, também eles espalhados pela sala, entre os quais o negro Doroteu. Daí a poucos minutos a sessão começou.

O velho Gregório agitou uma campainha colocada sobre a mesa para exigir silêncio. Aos poucos as acaloradas discussões foram cessando e ele pôde anunciar a abertura da reunião. Em algumas palavras historiou o motivo por que a direção do sindicato havia convocado essa sessão: o governo oferecera ao general Franco, comandante dos rebeldes espanhóis (“um traidor”, gritou uma voz na sala), uma grande partida de café. Agora se encontrava no porto um navio alemão (“nazista”, gritou outra voz na sala) para levar o café. Tratava-se de discutir e decidir sobre a atitude que os trabalhadores do cais de Santos deviam assumir ante o fato: carregar ou não carregar o navio. A palavra, terminou, estava à disposição de quem a desejasse.

Oswaldo foi o primeiro a falar. O que era a guerra da Espanha?, perguntou, elevando os braços magros e musculosos. E ele mesmo respondeu: era uma guerra dos elementos fascistas e reacionários contra os trabalhadores, contra a República, contra um regime democrático. Era, ao mesmo tempo, uma guerra contra todos os trabalhadores do mundo. Ao lado de Franco lutavam os nazistas alemães e os fascistas italianos; aquilo que estavam tentando contra o povo espanhol, contra sua classe operária, o fariam, se obtivessem sucesso, contra outros povos, contra os trabalhadores de outros países, contra o povo brasileiro e os trabalhadores brasi-

leiros. Os trabalhadores dos mais distantes países estavam mostrando por todos os meios sua solidariedade com os operários espanhóis, assim como a reação internacional se solidarizava com Franco. Era a reação brasileira, os fazendeiros de café, os exploradores de operários, os patrões que enviavam aquele café a Franco. “Nós”, afirmou, “somos pobres, não podemos enviar milhares de sacas de café aos nossos companheiros espanhóis. Mas temos outra maneira de lhes provar nossa solidariedade: não embarcando esse café, não carregando esse barco alemão, esse barco de Hitler, que o veio buscar. Os espanhóis disseram aos fascistas: NO PASARÁN. Cabe-nos ajudá-los a cumprir sua tarefa.”

Os aplausos se prolongaram pela sala e já Pepe reclamava a palavra para falar em nome dos muitos espanhóis trabalhadores na estiva de Santos, quando um dos investigadores, o mesmo que discutira na porta, andou para a mesa e começou a falar baixo, curvado sobre Gregório. Os outros membros da diretoria estendiam a cabeça para escutar, gente se levantava nas cadeiras, ouvia-se uma pergunta lançada de qualquer parte:

— Que é que ele quer?

Outra reclamava:

— Que ele fale alto pra todo mundo ouvir...

Os dois outros investigadores vinham se colocar ao lado do seu colega. O velho Gregório declarou:

— Ele diz que a reunião não pode continuar.

— Por quê? Por quê? — perguntavam de todos os lados.

O policial deu um passo sobre o estrado onde estava a mesa da diretoria, falou:

— A reunião foi convocada para discutir “assuntos de interesse da classe”, e aqui se está tratando de política. E isso é proibido. Os sindicatos não têm direito de fazer política. Eu dou a reunião por terminada devido ao seu caráter comunista...

Um soco vibrou sobre a mesa, fazendo silenciar o murmúrio provocado pelas palavras do investigador. Era o espanhol Pepe que se levantava, dramático, os braços abertos, no rosto moreno, cortado a navalha, um clarão de ódio:

— Companheiros... — gritou — que assunto pode nos interessar mais do que esse? Nós dissemos que se tratava de assunto de interesse de classe, e é verdade. Eu não vejo nada de político nisso: é do nosso trabalho que se trata. Não queremos trabalhar para o fascista Franco, não queremos trabalhar para o nazista Hitler. Eu proponho que a sessão continue...

Foi uma balbúrdia. Homens subiam sobre as cadeiras para melhor aplaudir. O velho Gregório tentava inutilmente estabelecer o silêncio. Um dos investigadores saiu, obedecendo a uma ordem do que falara. Oswaldo fez um sinal ao negro Doroteu, este seguiu atrás do polícia, voltou alguns minutos após para murmurar no ouvido de Oswaldo:

— Está telefonando do botequim...

Já então o velho Gregório conseguira estabelecer uma certa calma e propunha à assembleia decidir numa votação se continuava ou não a reunião. Um tipo pediu a palavra para encaminhar a discussão. Quase todos os presentes o conheciam, até há poucos anos ele trabalhara na estiva. Fora depois recrutado pelo Ministério do Trabalho, apesar de continuar oficialmente pertencendo ao sindicato. Tinha uns cinquenta anos, era gordo, e dois dentes de ouro luziam em sua boca:

— Companheiros, não vamos mais uma vez fazer o jogo dos comunistas. O que é que nós temos com o que se passa na Espanha? Nossa obrigação é carregar e descarregar os navios, sem olhar e sem perguntar a quem são destinadas as mercadorias. Os comunistas querem nos meter noutra greve, agora que o doutor Getúlio Vargas, amigo e protetor dos trabalhadores...

— Bom protetor, que manda atirar neles como fez em São Paulo... — era a voz do negro Doroteu.

— Que o doutor Getúlio Vargas, repito, está disposto a atender todas as reivindicações justas de nossa classe...

— Sua classe é a do ministério, a nossa é a operária — voltava a interromper o negro Doroteu, aplaudido.

— Não respondo a comunistas... Prossigo: agora que a greve é um crime previsto na Constituição, que vamos ganhar com ela? Vamos só perder, nossas famílias vão passar necessidade, o governo vai ficar contra nós. Que é que temos que ver com a Espanha? Só porque trabalham aqui alguns espanhóis, em geral maus elementos...

— Mau elemento é a mãe, sem-vergonha... — E um dos espanhóis se levantava na cadeira.

O velho Gregório agitava a campainha. O investigador animava, com um gesto, o orador.

— Vamos suspender a reunião. Eu voto para que se termine a reunião.

O negro Doroteu subia numa cadeira, cada um podia ver seu pequeno corpo ágil:

— Esse cara é um policial mascarado. Quem está aqui falando em comunistas? Aqui não tem comunistas nem não comunistas. Aqui tem é trabalhadores, e os trabalhadores formam uma família só no mundo. Se não nos ajudarmos uns aos outros, quem vai nos ajudar? A reação? A Companhia Docas de Santos? Eu proponho que se bote os policiais para fora e se continue a reunião. E que se faça depressa antes que cheguem os reforços que o outro foi pedir por telefone... Abaixo Franco, viva a República Espanhola!

Não houve sequer votação. O estivador do olho cego, que se encontrava antes na porta e guardara um particular rancor da entrevista inicial com os tiras, avançou, outros o seguiram. Os policiais desceram as escadas às carreiras, o provocador do ministério desceu aos trompaços. Oswaldo tomava novamente a palavra, lembrava a necessidade de resolver o assunto rapidamente, antes da volta da polícia. Havia uma proposta concreta: os estivadores e doqueiros de Santos não carregariam o café para Franco, nem no navio alemão nem noutro qualquer. Não se declarariam em greve, mas o fariam se alguma medida punitiva atingisse o sindicato ou algum dos companheiros.

Alguém propôs um acréscimo: como seria difícil realizar uma nova assembleia do sindicato, a diretoria devia ficar autorizada a decretar a greve se fosse necessário. As duas propostas foram aprovadas, o velho Gregório pediu que eles abandonassem a sala rapidamente, antes da polícia chegar. Aristides, o secretário do sindicato, recolheu alguns livros de atas, foi o último a descer, fechou a porta, meteu a chave no bolso. Na mesma hora os automóveis com os investigadores invadiam a rua.

Oswaldo providenciava com Doroteu uma reunião da célula do Partido para estudar a situação.

Estará presente um dirigente do regional... — avisava.

3

O NAVIO ALEMÃO ENCOSTARA NO CAIS, JUNTO AO ARMAZÉM ONDE se encontrava depositado o café. Da cidade vinham curiosos espiar o movimento no porto. A vida continuava normalmente, navios eram carregados e descarregados. Apenas a turma de estivadores convocada para o trabalho no navio alemão não aparecera. Outra turma estava em vias de ser chamada em seu lugar.